

Mensagem do
Secretário-Geral da UNCTAD, Rubens Ricupero,
à Reunião Ministerial do G-77
São Paulo, 11-12 de Junho 2004

Vossas Excelências,
Prezados Delegados,
Senhores e Senhoras,

A comemoração do aniversário de 40 anos do G- 77 é mais do que uma ocasião especial. É uma oportunidade única para se refletir não somente sobre as realizações dos países em desenvolvimento e das instituições criadas para apoiar seu desenvolvimento, mas também sobre os desafios que estão á frente e as respostas que o G- 77 pode prover. O G- 77 nasceu em 1964, na primeira sessão da primeira conferência da UNCTAD, que foi fundada justamente para prestar assistência ao Grupo nos seus esforços em integrar -se à economia mundial e ao sistema de comércio internacional. Assim, o G- 77 e a UNCTAD não só nasceram juntos, mas são parte do mesmo esforço, qual seja, o de dar aos países em desenvolvimento uma voz, para que possam participar nos debates sobre desenvolvimento e influenciá- los, assim como juntar-se aos esforços para construir uma arquitetura econômica , política e comercial voltada para o desenvolvimento. Somente mais tarde o Grupo começou a participar de outros fóruns econômicos e técnicos, fora das Nações Unidas.

Isso foi há 40 anos. Mas ninguém poderá dizer que a missão está cumprida. Ao contrário, os antigos desafios, aos quais se juntaram muitos novos desafios, estão ainda bem presentes entre nós. Precisamos, portanto, avaliar e redirecionar a vocação central do Grupo nos próximos anos - e esta reunião é uma excelente oportunidade de faz- lo num contexto que visa o futuro. Neste sentido, devemos enfatizar três componentes principais do meio econômico externo: o primeiro está relacinado aos desdobramentos recentes do sistema de comércio internacional e ao funcionamento do multilateralismo nesta area. O segundo componente se refere aos desdobramentos na economia internacional, principalmente outras questões relacionadas ao desenvolvimento. Finalmente, o terceiro é a questão da reforma das Nações Unidas e o papel dos países em desenvolvimento neste processo.

O trabalho preparatório para esta reunião mostrou várias novas abordagens para reinventar ou redefinir o G-77, na véspera de uma possível nova rodada da reforma das Nações Unidas no próximo ano. Por reforma das Nações Unidas, compreendo o futuro papel da instituição e dos países membros, e não somente do secretariado. Este processo foi iniciado para lidar, entre outras coisas, com as chamadas novas ameaças e desafios ao sistema. O relatório do Blue Ribbon Panel* deve sair até o final do ano. Precisamos acompanhar este trabalho e estar atentos às conclusões e recomendações que virão deste grupo. É dever do G- 77 dar sua contribuição para evitar que, na questão da reforma das Nações Unidas, se restrinja a agenda econômica internacional. Por enquanto, a maioria das idéias sobre a reforma das Nações Unidas, que estão sendo discutidas, realçam basicamente três questões: o terrorismo internacional, a disseminação de armas de destruição em massa e como evitar genocídios. Todas estas questões merecem atenção e devem ser consideradas ameaças e desafios importantes. Qualquer agenda futura das Nações Unidas necessariamente terá que lidar com elas. São questões legítimas, importantes e centrais às preocupações da comunidade internacional. No entanto, não são o quadro todo. Se nos concentrarmos somente nelas,

arriscamo-nos a ter o que, nos anos 60 e 70, se chamava de abordagem unidimensional dos problemas humanos.

Existe certamente uma outra dimensão, além da paz, da segurança e de como lidar com estas novas ameaças, que é igualmente importante: o inacabado assunto do desenvolvimento. Esta é uma agenda que já tem mais de 40 anos e tem que ser abordada junto com as novas questões. Estas estão relacionadas à globalização, suas promessas, suas armadilhas e suas crises, começando pela frequência e intensidade das crises financeiras e monetárias desde os meados da década de 90. Estes problemas estão aqui e tem que ser enfrentados. Alguns diriam que seu tratamento já está integrado num processo específico. É claro que temos os processos post-Monterrey e MDG. No entanto, estes cobrem somente alguns destes aspectos. Mesmo nestes casos, em termos da efetiva implementação das medidas, o progresso tem sido bastante limitado. Ninguém pode pretender, por exemplo, que a arquitetura financeira e monetária esteja muito mais avançada hoje do que alguns anos atrás. O mesmo se aplica ao comércio, onde a agenda de negociações caminha lentamente, com muitos obstáculos ainda a serem superados. Em suma, o inacabado assunto do desenvolvimento do passado ainda está vivo e presente.

É neste contexto que se coloca o dever insubstituível do G-77. Se o G-77 não manter viva a agenda de desenvolvimento das Nações Unidas, quem o fará? A responsabilidade central e principal empenho do G-77 é preparar-se para este desafio imediato. A reforma das Nações Unidas e suas implicações para a agenda do desenvolvimento devem constituir-se na principal preocupação do Grupo - não de uma forma reativa, esperando o relatório do Painel ou outras propostas que certamente aparecerão, mas fazendo uma reflexão antecipada e oportuna sobre os possíveis elementos de uma contribuição pró-ativa do Grupo. Neste sentido, é fundamental a ligação com a UNCTAD XI e sua preocupação básica com o desenvolvimento.

Gostaria de lembrar, resumidamente, os fatos mais importantes no cenário econômico internacional que, em minha opinião, fazem desta Reunião Ministerial do G-77 e da UNCTAD XI eventos oportunos e relevantes. O primeiro é comércio. A UNCTAD foi criada para lidar, entre outras coisas, com o comércio como um instrumento de desenvolvimento. A inspiração inicial era usar o processo das Nações Unidas para tentar reparar o desequilíbrio que havia no sistema comercial internacional, o qual não fora, originalmente, criado para lidar com o desenvolvimento, mas com assuntos puramente comerciais. Uma das consequências disso foi que o comércio agrícola, o comércio de têxteis e de outros produtos mais sensíveis, os calçados, os picos de tarifas, a escalada da tarifa foram deixadas completamente de fora das regras e das disciplinas internacionais. Quarenta anos depois, ainda estamos lutando com o mesmo problema. Atualmente, há esforços em andamento em Genebra e, também, aqui em São Paulo para reiniciar as negociações da Rodada de Doha, mas não está claro quando nem como estes esforços terão sucesso. Acredito que conseguirão, mas em que termos? Se for confirmada, até o final de julho, esta concordância a cerca de uma possível estrutura de negociações, então, nossos encontros em São Paulo, que acontecem um mês e pouco antes do prazo final, serão o momento certo para avaliar a situação de modo a ver as negociações a partir de uma perspectiva de desenvolvimento.

Cabe mencionar que esses fatos ocorrem em um contexto internacional onde o crescimento econômico está subindo, em grande parte graças a alguns países em desenvolvimento, entre eles a China crescendo à taxa de 8,5 por cento, a Índia a seis por cento, os países da Ásia e do Pacífico crescendo entre cinco e seis por cento ao ano. Isso traz uma esperança renovada no sentido de injetar dinamismo na economia mundial e no comércio internacional. No ano passado, o comércio internacional cresceu por volta de 4,7 por cento e, este ano, se estima que atingirá um crescimento de 8,6 por cento. Neste mundo de comércio real, as melhores

condições derivam, em grande parte, expansão das economias em desenvolvimento, a maioria delas na Ásia, no momento em que algumas locomotivas industriais, tais como Japão e União Européia, acrescentaram pouco à demanda global. É a primeira vez que vemos este fenômeno, extremamente encorajador, do rápido desenvolvimento do comércio intra-países em desenvolvimento, algo que o G-77 deveria sempre ter em mente. Costumávamos discutir, 30 anos atrás, o comércio Sul-Sul. Na época, isso era tido mais como uma esperança de futuro, um sonho. Agora, está se tornando realidade. Esta é uma das razões pelas quais os países asiáticos puderam continuar a crescer, mesmo depois da crise de 1997 e depois da desaceleração da economia dos Estados Unidos em 2001. O fator determinante, então, era um forte comércio intra-asiático. A China se tornou o principal mercado para a maioria dos países asiáticos, inclusive o Japão. Uma das razões do recente crescimento no Japão foram as exportações para a China. Tanto para o Japão como para os Estados Unidos, o comércio com os países em desenvolvimento se aproxima, agora, da marca dos 50 por cento, e talvez o Japão já tenha atingido esta marca. Isso mostra que não é, de forma alguma, uma ilusão pensar que a contribuição das economias em desenvolvimento estão se tornando mais e mais significativas.

O G-77 está com um novo sentimento de auto-confiança e de assertividade. Estes sentimentos não são ilusórios. São a consequência lógica de muitos acontecimentos recentes. O Grupo dos 20, juntamente com o G-90 e outros esforços no sentido de dar voz a um número significativo de economias em desenvolvimento (a Unidade Africana, os países do ACP, e os PMDs) se tornaram forças organizadas e efetivas, pelo menos na abordagem multilateral do comércio. Na verdade, o comércio é uma das raras áreas onde a abordagem multilateral ainda está viva e onde o recém-descoberto sentimento de auto-confiança e auto-respeito deveria ser exercido primeiro. Assim, o papel do G-77 em manter vivo a agenda do desenvolvimento se refere, em termos concretos, principalmente às únicas negociações econômicas que estão atualmente em andamento, e que são do comércio e, não, de finanças ou tecnologia. Não há nada semelhante na arquitetura financeira internacional, por exemplo.

Em Genebra, durante o processo preparatório da UNCTAD XI, o G-77 destacou o papel fundamental que a UNCTAD deveria desempenhar em apoio aos esforços rumo ao desenvolvimento realizados pelos países em desenvolvimento. Ao preservar e fortalecer a UNCTAD, deve-se preservar seu sistema único de governança. É por causa deste papel e sua governança que a UNCTAD tem podido chamar a atenção para os desequilíbrios nos campos financeiro, monetário, comercial e tecnológico. Neste respeito, a Conferência de São Paulo é fundamental para o futuro, já que não foi por acidente que o G-77 e a UNCTAD nasceram juntos. Nasceram juntos, prosperam juntos e quaisquer limitações na liberdade de ação de um afetará o outro. Seus destinos estão inextricavelmente ligados. É por isso que devemos fazer o melhor uso possível desta oportunidade e de seu pleno potencial nos próximos anos, em prol do avanço da agenda de desenvolvimento, para levar crescimento real e desenvolvimento aos países em desenvolvimento e para restabelecer e fortalecer o multilateralismo.

Obrigado.